

**RESENHA: QUE ENSINO MÉDIO?**

**REVISIÓN: ¿QUÉ ESCUELA SECUNDARIA?**

**REVIEW: WHICH HIGH SCHOOL?**



Camila Ferreira da SILVA  
Universidade Federal do Amazonas  
E-mail: ferreira.camilasilva@gmail.com

| 1



### Como referenciar este artigo

SILVA, C. F. da. Resenha: Que ensino médio? **Revista Educação e Fronteiras**, Dourados, v. 11, n. esp. 1, e021021, 2021. e-ISSN: 2237-258X. DOI: <https://doi.org/10.30612/eduf.v11iesp.1.16519>

**Submetido em:** 10/06/2021

**Revisões requeridas em:** 07/08/2021

**Aprovado em:** 13/09/2021

**Publicado em:** 30/10/2021

**RESUMO:** Resenha-se neste texto o livro *Ensino médio em reformas: trabalho, políticas, cotidiano*, de Jean Mac Cole Tavares Santos, Elione Maria Nogueira Diógenes e Rosemeire Reis (2012). A leitura crítica desta obra resultou em um esforço de síntese que tem sua materialização neste texto. As preocupações, os objetos e as perspectivas dos autores se encontram em constante diálogo ao longo do livro e é exatamente este diálogo o responsável pelo enfrentamento de questões caras às históricas problemáticas em torno do ensino médio brasileiro em suas interfaces com as políticas públicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino médio. Livro. Síntese.

**RESUMEN:** *Este texto reseña el libro *Ensino médio em reformas: trabalho, políticas, cotidiano*, de Jean Mac Cole Tavares Santos, Elione Maria Nogueira Diógenes y Rosemeire Reis (2012). La lectura crítica de esta obra dio lugar a un esfuerzo de síntesis que tiene su materialización en este texto. Las preocupaciones, los objetos y las perspectivas de los autores están en constante diálogo a lo largo del libro y es justamente este diálogo el que se encarga de abordar temas caros a la problemática histórica en torno a la escuela secundaria brasileña en sus interfaces con las políticas públicas.*

**PALABRAS CLAVE:** *Escuela secundaria. Libro. Síntesis.*

**ABSTRACT:** *Review whether, in this text, the book "High school reforms in: work, politics, quotidian" by Jean Mac Cole Tavares Santos, Maria Nogueira Elione Rosemeire Diogenes and Reis (2012). The critical reading of this work resulted in a synthesis effort that has its materialization in this text. Concerns, objects and prospects of the authors are in constant dialogue throughout the book and the dialogue is exactly the responsibility for coping with issues dear to the issues surrounding the historical Brazilian high school in their interface with public policy.*

| 2

**KEYWORDS:** *High School. Book. Synthesis.*

A problemática em torno da identidade da escola secundária brasileira pode ser pensada a partir de um dado ligado às muitas reformas que este nível da atual educação básica sofreu entre a segunda metade do século XVIII e a última década do século XX: foram 21 distintas reformas (ANDRADE, 2012). O que este caráter reformista revela dos projetos em disputa para a escolarização dos jovens brasileiros? Que ensino médio o Brasil possui hoje? Quais as suas finalidades? Quais as suas relações com o ensino superior e com o mundo do trabalho? Estas são questões que emergem quando nos propomos refletir sobre a educação em uma sociedade capitalista, e foi exatamente o que aconteceu no *I Seminário Nacional do Ensino Médio (SENACEM)*, realizado em Mossoró/RN, em 2011.

Este seminário reuniu estudantes, professores, gestores e pesquisadores de faculdades de Educação e grupos de pesquisas do Rio Grande do Norte, Alagoas, Paraíba e Ceará,

preocupados em discutir as políticas governamentais do Ministério da Educação para o ensino médio e a materialidade destas nas escolas brasileiras. Este evento acabou, entre outras coisas, por estreitar os laços intelectuais entre Jean Mac Cole Tavares Santos, Elione Maria Nogueira Diógenes e Rosemeire Reis – marco inicial na elaboração do livro aqui resenhado, *Ensino médio em reformas: trabalho, políticas, cotidiano*.

Lançado um ano após o seminário em questão, esse livro condensa a soma dos esforços dos autores para vislumbrar a realidade do ensino médio nacional, a partir das especificidades das discussões de suas teses de doutorado.

Jean Mac Cole, doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com período sanduíche na Universidade de Valência, em 2007, defendeu a tese, *O ensino médio no interior cearense sob os impactos da reforma: entre o discurso oficial do novo mundo do trabalho e as apropriações/resistências pela escola (1995 2005)*, disponível em (SANTOS, 2007).

Elione Diógenes, por sua vez, realizou seu doutorado em Políticas Públicas na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), tendo obtido o grau em 2010, com a tese, *Uma avaliação política e do processo de implementação da reforma do ensino médio no Ceará* (DIÓGENES, 2010). E Rosemeire Reis, em 2006, concluiu seu doutorado em Educação na Universidade de São Paulo (USP), com a tese, *Encontros e desencontros: a relação dos jovens/alunos do ensino médio com os saberes escolares* (REIS, 2006)<sup>1</sup>.

Os diferentes olhares sobre o ensino médio – consolidados por estas três investigações de doutorado – certamente, constituem o elemento mais rico da obra. A demarcação do debate que o livro suscita fica evidente já na introdução, pois os autores fazem questão de apontar o viés pelo qual observam as políticas reformistas para o ensino médio: a partir do caráter cada vez mais adaptativo aos interesses do capital transnacional. Desse modo, podemos compreender melhor a própria dinâmica do texto, que promove relações diretas entre as categorias condensadas em seu subtítulo “trabalho, políticas e cotidiano” – necessariamente nesta ordem.

São estas categorias que conferem movimento ao livro, uma vez que sintetizam as duas partes que o compõem, a saber: 1) Centralidade do trabalho, crise do emprego e reestruturação produtiva: elementos para entender as reformas educacionais; e 2) Reformas educacionais: do novo ao integrado ensino médio.

A primeira parte do livro é marcada por uma abordagem teórica sobre o trabalho. Faz-

---

<sup>1</sup> As informações referentes aos autores Santos, Diógenes e Reis foram extraídas dos currículos lattes dos autores. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4363681764477044>. Acesso em: 03 fev. 2022; Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/2352567866641388>; <http://lattes.cnpq.br/3449113858899262>. Acesso em: 03 fev. 2022.

se uso, neste caso, do materialismo histórico-dialético para enveredar pela discussão em torno da centralidade do trabalho frente ao contexto da mundialização e de suas consequências para a educação. Os autores travam um verdadeiro confronto entre as teses que advogam o fim do trabalho e a concepção marxista desta categoria. São tomados, com especial atenção, os escritos de Paul Lafargue (1999), Raoul Vaneigem (1967), André Gorz (1987) e Robert Kurz (1993), em um exercício bastante interessante de aproximação e afastamento entre suas perspectivas. Para os autores:

Há em comum, entre Lafargue, Vaneigem, Gorz e Kurz, a percepção de que o trabalho domina a vida humana – como tortura, como sofrimento, como um deus ou como um defunto – todos querem superá-lo ou já acreditam em sua superação (SANTOS; DIÓGENES; REIS, 2012, p. 30).

Tal argumento, comum a tais postuladores do fim do trabalho, é tomado nesse livro ora resenhado como ponto de partida para um contraponto empírico (que vai do senso comum à ontologia do ser social), que busca mostrar o lugar do trabalho nas vidas das pessoas.

Nesse sentido,

[...] nas cabeças e nas bocas, o trabalho é, com efeito, parte intrínseca da vida esmagadora da maioria das pessoas: como presença, como ausência-busca, como torpor, como desejo, como fadiga, como ilusão – TRABALHO – lá está ele! (SANTOS; DIÓGENES; REIS, 2012, p. 42). | 4

E, ainda

Estendam-se os olhos para frente. Faça-se movimento contrário. Olhe-se para os lados. Levante-se o olhar para o céu. Abaixese agora o mesmo olhar. O que se vê? Cidades. Produtos. Mercadorias. Prédios. Mão humana em ato. Corpo humano em exercício transformador. Mente humana a postos. Ação humana. Reação humana. Atuação humana. Tudo é trabalho! (SANTOS; DIÓGENES; REIS, 2012, p. 61).

Os autores afirmam que, mesmo as transformações tecnológicas, as novas formas de trabalho, a flexibilização, os recentes papéis do Estado e todos os atuais sentidos e mudanças no mundo do trabalho que temos acompanhado nas últimas décadas, não levam a atestar o fim do trabalho. Isto seria somente uma impressão, nada mais. Uma falsa percepção, ou melhor, mais um deslocamento das forças sociais.

Ao trazer esta discussão para um cenário mais amplo, a primeira parte do livro se dedica a tratar de mais duas importantes questões, nomeadamente: a relação entre o Neoliberalismo, a reestruturação produtiva e a crise do capitalismo no mundo e no Brasil; e as ligações entre o trabalho e a educação profissional.

A implementação do projeto neoliberal ocorreu de formas distintas nos países centrais e periféricos. Os autores do livro têm a preocupação de observar como este projeto passou a ditar o programa a ser implementado no Brasil a partir dos anos 1990 – mesmo que tardiamente, em comparação com outras realidades capitalistas circunvizinhas.

Fica claro que esta discussão é responsável, no que tange ao conjunto do livro, por explicar os sentidos que a relação trabalho-educação passa a receber na contemporaneidade, sentidos estes impostos pela perspectiva neoliberal, orientados por uma implacável “[...] corrida para a eficiência, para a qualidade total, para a produção enxuta e, em menor grau, para a informatização e a robótica” (SANTOS; DIÓGENES; REIS, 2012, p. 57).

As pontas desta parte do livro são atadas justamente pelo desdobramento dos debates já colocados no âmbito da educação, com especial atenção para a qualificação profissional. O trabalho é percebido, pois, pelos autores do livro – de uma maneira bastante poética, arriscaria dizer – como uma construção social, um verdadeiro *edifício histórico*.

E, a partir desta percepção, a forma-trabalho do capitalismo ganha destaque na crítica à pedagogia fordista – bastante alimentada pelas contribuições de Antonio Gramsci (2001), com o texto *Americanismo e Fordismo*. O caráter dual da escola fordista, como apontam os autores, previa, de um lado, a preparação mecânica dos trabalhadores manuais e, de outro, a formação dos trabalhadores intelectuais (SAVIANI, 2005; GIROUX, 1997; GÓMEZ, 2001). Qual é a relação entre esta perspectiva educacional e a formação profissional no toyotismo? Pensando nesta questão, os autores Santos, Diógenes e Reis (2012, p. 82) esclarecem que “[...] este tipo de escola não se esfacelou com as novas exigências pelo novo modo de organizar a produção no capitalismo pós-fordismo”.

O modelo japonês, portanto, apresenta um eufemismo discursivo – recheado de termos como *flexibilização*, *polivalência* e *autonomia participativa* – que conduz à adoção de políticas de qualificação preocupadas com o modelo das habilidades e competências. A mercantilização e a financeirização das relações econômicas e sociais têm como expressão, na educação, o discurso hegemônico da empregabilidade, que condensa em si, a culpabilização individual dos sujeitos desempregados e dos não-empregáveis.

Guardadas as devidas distinções entre a educação em cada um destes paradigmas produtivos – fordismo e toyotismo –, os escritos do final desta parte do livro buscam demonstrar a subordinação da formação profissional ao processo de acumulação do capital no cenário de crise real do capitalismo.

Na segunda parte do livro, denominada *Reformas educacionais: do novo ao integrado Ensino Médio*, ganham relevo os debates construídos em torno das reformas educacionais para

o ensino médio e a materialidade destas no cotidiano escolar. Os autores elegeram como ponto inicial para a discussão em torno das reformas do ensino médio, o processo de inserção do Brasil no sistema sociometabólico do capitalismo e suas consequências para a compreensão do campo educacional. O pensamento hegemônico empresarial e “[...] o amoldamento subordinado aos padrões de desenvolvimento econômico dos países avançados” (SANTOS; DIÓGENES; REIS, 2012, p. 109), aparentemente antigos, ainda ditam as relações “neocolonialistas” entre a educação nacional e os receituários internacionais ditos “multilaterais”. Tais relações nos possibilitam entender a racionalidade que sustenta a ação do Estado no que tange à questão educacional, de modo geral, e ao ensino médio, de modo mais específico.

A reforma do ensino médio é observada pelos autores a partir de vários aspectos e sujeitos que contribuíram para sua concepção e execução, tais como: a participação dos organismos internacionais; a influência do mercado e dos empresários (por meio do Pensamento Nacional das Bases Empresariais – PNBE); o envolvimento do terceiro setor, bem como dos sistemas de comunicação (redes de televisão e revistas impressas); além da participação das associações de pesquisadores da educação, dos sindicatos representativos dos próprios profissionais da área e, evidentemente, das três esferas de poder (legislativo, executivo e judiciário) (SANTOS; DIÓGENES; REIS, 2012).

A análise realizada nesta parte do livro procura abranger desde as questões normativas – e para isto recorre aos documentos da própria reforma investigada, a exemplo do Parecer CNE/CEB nº 15/98<sup>2</sup>, bem como a própria Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 – até o significado da reforma em questão. Jean Mac Cole, Elione Diógenes e Rosemeire Reis lançam, pois, um olhar atento ao percurso histórico e social desta reforma, ratificando a subordinação do ensino médio público brasileiro aos moldes do capitalismo transnacional.

A relação entre a reforma e os ditames do capital ganha relevância nesta discussão por meio de um debate que os autores assumem acerca das lutas de classes e de projetos societários em torno deste objeto. As discrepâncias entre as promessas do discurso da reforma do ensino médio e a realidade dos jovens nas nossas escolas públicas são problematizadas com base em três argumentos principais, nomeadamente: a dualidade da escola brasileira; a naturalização do hegemônico; e os próprios limites e impossibilidades de concretização desta reforma. Frente a estes elementos, os autores fazem ainda a defesa de uma formação integral ou omnilateral, que

<sup>2</sup> Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/1998/pceb015\\_98.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/1998/pceb015_98.pdf). Acesso em: 03 fev. 2022.

seria capaz de romper com a própria sociedade capitalista.

Por fim, com um tópico intitulado “Dimensões da experiência escolar para jovens/alunos do ensino médio”, percebe-se a necessidade destes pesquisadores de compreender os olhares dos próprios jovens sobre a instituição escolar após esta reforma do ensino médio. Alguns dados da tese de doutorado de Rosemeire Reis são trazidos nesta parte do livro para ilustrar a discussão em torno das representações dos jovens sobre os elementos que circundam seus cotidianos na escola – percebe-se, claramente, a tentativa de apreender os modos como os jovens se relacionam com outros sujeitos, com a própria escola e com o saber.

Esta última discussão do livro contempla um debate em torno da democratização do ensino médio no Brasil e da conseqüente entrada de “novos alunos” na escola, seguido de problematizações acerca da própria identidade do ensino médio com relação ao projeto educacional e de sociedade que esta etapa concretiza: qual o papel do ensino médio, afinal? As contradições sociais ganham, então, novo reforço frente à democratização já citada.

Os jovens de camadas populares adentram o nível médio de ensino e, em suas falas, trazem consigo as esperanças de famílias inteiras: são pais, mães, irmãos e demais parentes esforçando-se, o quanto podem, para proporcionar uma “moratória breve” a estes jovens, a fim de retardar ao máximo a sua entrada no mundo precarizado do trabalho que lhes aguarda. Neste sentido, “[...] a experiência escolar no ensino médio para esses jovens é rica em desafios de sociabilidade, em encontros significativos com modos diferentes de se relacionar com as pessoas” (SANTOS; DIÓGENES; REIS, 2012, p. 197).

A parceria intelectual expressa nesses escritos do livro é um exercício bastante interessante: trata-se de uma soma de leituras; de uma retomada de trabalhos originais (as teses) frente às novas questões que se colocam a cada dia para os objetos de cada um dos autores; e ainda de um cruzamento de perspectivas que acabou por conferir movimento a estes trabalhos, em uma busca por coerência para olhar o ensino médio, desde a concepção que o rege até o seu cotidiano nas escolas públicas brasileiras.

Observemos aqui as palavras de Francisco Ari de Andrade (2012, p. 9), ao prefaciar o livro:

A presente leitura tende a incomodar alguns, porque não é passiva. É latente. Querem os autores, não apenas chamar a atenção sobre as incongruências das políticas educacionais e dos programas voltados para a educação média, na segunda metade do século XX e início do século XXI, mas estimular um debate nacional pautado na intenção de traçar a identidade da escola secundária brasileira, frente aos nichos da sociedade de mercado que aquecem euforias de segmentos dominantes. Estimula uma reflexão crítica não sobre o que foi feito, mas, principalmente, sobre o que foi deixado de ser feito e como

deve ser feito para preencher lacunas no sistema nacional de ensino.

Como leitora, posso afirmar, por fim, que este é um daqueles livros nos quais tudo se grifa: as informações históricas; as análises densas e críticas; as notas de rodapé, sempre repletas de indicações de outros trabalhos importantes; e os próprios posicionamentos dos autores frente aos contextos sobre os quais se debruçaram.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, F. A. Prefácio. In: SANTOS, J. M. C. T.; DIÓGENES, E. M. N.; REIS, R. **Ensino médio em reformas: Trabalho, políticas, cotidiano**. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2012. p. 7-10.

DIÓGENES, E. M. N. **Uma avaliação política e do processo de implementação da reforma do Ensino Médio no Ceará**. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2010.

GIROUX, H. A. **Os professores como intelectuais: Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: ARTMED, 1997.

GÓMEZ, A. P. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: ARTMED, 2001. | 8

GORZ, A. **Adeus ao proletariado: Para além do socialismo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

KURZ, R. **O colapso da modernização: Da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

LAFARGUE, P. **O direito à preguiça**. São Paulo: Hucitec, 1999.

REIS, R. **Encontros e desencontros: A relação dos jovens/alunos do ensino médio com os saberes escolares**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SANTOS, J. M. C. T. **O ensino médio no interior cearense sob os impactos da reforma: Entre o discurso oficial do novo mundo do trabalho e as apropriações/resistências pela escola (1995-2005)**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

SANTOS, J. M. C. T.; DIÓGENES, E. M. N.; REIS, R. **Ensino médio em reformas: Trabalho, políticas, cotidiano**. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2012.

SAVIANI, D. Educação socialista, pedagogia histórico-crítica e os desafios da sociedade de classes. In: LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D. (org.). **Marxismo e Educação: Debates contemporâneos**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

VANEIGEM, R. **A decadência do trabalho**. 1967. (mimeografado).

### Sobre a autora

**Camila Ferreira da SILVA**

Professora Adjunta da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

**Processamento e edição: Editora Ibero-Americana de Educação.**  
Correção, formatação, normalização e tradução.

